

Uma Imagem

Joelma Fabiane Ferreira Almeida

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros.

(Rubem Alves)

Doutrinação, não! Educação para a compreensão é formação em movimento!

Virou notícia: “Colégio Pedro II extingue distinção de uniforme por gênero” (19 de set. de 2016, Jornal O Globo); “Agora saia é uniforme de menino no Colégio Pedro II” (21 de set. de 2016, site www.raciociniocristao.com.br); “Colégio Pedro II, no Rio, libera saia para meninos” (14 de set. de 2016, seção Educação do Jornal Estadão); “Colégio Pedro II deixa de ter uniforme de menina ou menino” (20 de set. de 2016, Revista Nova Escola).

Estes são exemplos de como circulou pelo Brasil a notícia de uma decisão tomada pela Reitoria do importante e historicamente crítico Colégio Pedro II. A portaria versa sobre o fim da distinção do uniforme escolar por gênero. No documento, disponível no site oficial do Colégio, está descrito o que é aceito como uniforme nessa Instituição, sem que se estabeleçam diferenças do que é exclusivo para meninos ou meninas.

Porém, após a divulgação da decisão, o Colégio e seus professores passaram a sofrer ataques e acusações de doutrinação através da implantação da ideologia de gênero durante as aulas. Tais ataques ocorreram principalmente nas redes sociais e rapidamente se espalharam, gerando uma série de reações *dentrofora* da escola, ora de violência contra seus professores, ora

de apoio à decisão tomada pelo Colégio.

A imagem aqui apresentada, é um registro do que se viu nas ruas do Rio de Janeiro durante um protesto organizado por responsáveis por nossos alunos. Digo nossos, porque sou Professora do Colégio Pedro II e testemunha dos injustos e incabíveis ataques e acusações que toda a escola sofreu. Não afirmo isso do meu ponto de vista pessoal. Levanto aqui a problemática que assola o ato de comunicar: a diferença entre o que se diz e aquilo que os outros entendem sobre o dito, pois a comunicação não garante a compreensão.

E é sobre isso que venho escrever neste breve texto: a educação para a compreensão. Busco no diálogo com Morin (2011) e Macedo (2015) as bases para pensar a formação e a docência em tempos de intolerância, mas também de empoderamento e luta na interface escola-cidade-ciberespaço.

Apresento esta imagem como uma que, entre tantas outras que habitam meu imaginário, me emocionam e fazem pensar a compreensão a partir do entendimento sobre o que é incompreensível, buscando questões que remetam às causas que levaram a tantas manifestações homofóbicas e de desprezo e intolerância a um Colégio tão importante e a seus implicados docentes. Nela, vou focar na criança segurando um cartaz escrito com letras de quem está em fase de iniciação na escrita.

A criança não é "gente grande", mas é gente. Eis que algumas questões me tomam: Quem teve a ideia da produção do cartaz? Alguém se preocupou com o que pensa esta criança? Com o que ela compreende sobre vestir bermuda, saia ou calça para ir à escola? O que pode significar pedir a uma criança para escrever e carregar um cartaz como esse? Quem está doutrinando quem?

Todo esse acontecimento e o encontro com a imagem apresentada soaram em mim uma experiência formativa, que me fez refletir e que portanto precisava ser compreendida, em tempos

de desconstrução de um modelo educativo pautado em crenças, no qual muitas pessoas insistem em acreditar, confundindo formação crítica com doutrinação. Vi e vivi coletivamente nessa decisão do Colégio Pedro II uma formação integrada às transformações sociais de seu tempo e o caminho que se fez ao problematizar os fins da educação.

Morin (2011, p.87) apresenta a compreensão como um dos saberes necessários à educação e afirma: “se soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações humanas”. Para além da compreensão intelectual, há que se *pensar praticar* também a compreensão humana, mútua, onde o outro é percebido como sujeito com o qual nos relacionamos e cocriamos saberes e experiências de uma formação que se movimenta porque transita entre *práticas e teorias* conectadas aos acontecimentos cotidianos.

Macedo (2015, p.32) nos apresenta o compreender para além do entender. Educar para a compreensão seria portanto mais que um trabalho cognitivo e intelectual, pautado na explicação de conteúdos disciplinares. “... é criar relações, englobar, integrar, unir, combinar, conjugar, e, com isso, qualificar a atitude atenta e de discernimento do que nos rodeia e de nós mesmos...”. Não seria então a compreensão um movimento fundamental a todo ser humano em formação?

Uma imagem, um desabafo e um mundo de pensamentos e movimentos em formação. Assim, dimensões como diversidade, diferenças, democracia, multidisciplinaridade e reflexão crítica de experiências precisam permear nossas práticas educativas. Penso que é necessário que tenhamos um cuidado maior no julgamento de construções humanas diversas. Precisamos vigiar cotidianamente nossos preconceitos. Precisamos ensinar a compreensão e mergulhar num movimento formativo capaz de refletir e recriar a realidade.

Sobre a autora:

Joelma Almeida é mestre em Educação. Especialista em Informática e Educação. Informata e licenciada em Matemática. Professora de Informática Educativa no Colégio Pedro II. Doutoranda do Proped – UERJ. Membro do GPDOC – Grupo de Pesquisas Docência e Cibercultura da UERJ.

Referências:

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda e BARBOSA, Inês (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. 3 ed. Petrópolis: DP&A, 2008.

MACEDO, Roberto S. **Pesquisar a experiência compreender/mediar saberes experienciais**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2015.

MORIN, Edgar. Os **sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.